

LICITAÇÃO DO SLU

Sai hoje o resultado da disputa

Empresa vencedora vai explorar parte dos serviços de limpeza, coleta e reciclagem do lixo do Distrito Federal, um negócio de R\$ 360 milhões com contrato de 5 anos

Rico em qualidade e, portanto, com alto valor de mercado, o lixo do Distrito Federal vai ficar em poder da iniciativa privada pelo menos por cinco anos. O Governo do DF tem licitação marcada para hoje, para passar os serviços de limpeza, coleta e reciclagem do lixo à empresa que oferecer o menor preço. A vencedora vai receber a bagatela de R\$ 360 milhões durante o período de vigência do contrato.

A licitação foi adiada por causa de algumas alterações nos critérios de participação. "Mudamos algumas coisas. Por exemplo, ao invés de a empresa pagar pelo preço global, como estava previsto antes, vai desembolsar pelo preço unitário, por tonelada", explica Dinísio Antônio da Cruz, presidente da Comissão Especial de Licitação do Serviço de Limpeza Urbana (SLU).

Pelo edital, não podem entrar no páreo consórcios, sendo esse um dos entraves para algumas empresas de Brasília, que sonham em explorar esse ramo. As que hoje "vivem" do lixo, por sua vez, temem perder mercado depois da terceirização dos serviços do SLU. Mas o governo não parece muito preocupado com isso. "Nós temos

de estar preocupados em atender a comunidade com um serviço de qualidade, com eficiência", esclarece Luiz Flores, diretor-geral do SLU.

Mas, por que o governo está abrindo mão de um lixo que desperta tanta cobiça dos empresários? Segundo Flores, sai mais barato entregar a operação do Sistema de Limpeza Urbana nas mãos da iniciativa privada. Hoje, contabiliza ele, o SLU consegue cobrir apenas 30% de seu gasto anual, que fica em torno de R\$ 100 milhões, sendo que o restante vem dos cofres do tesouro local.

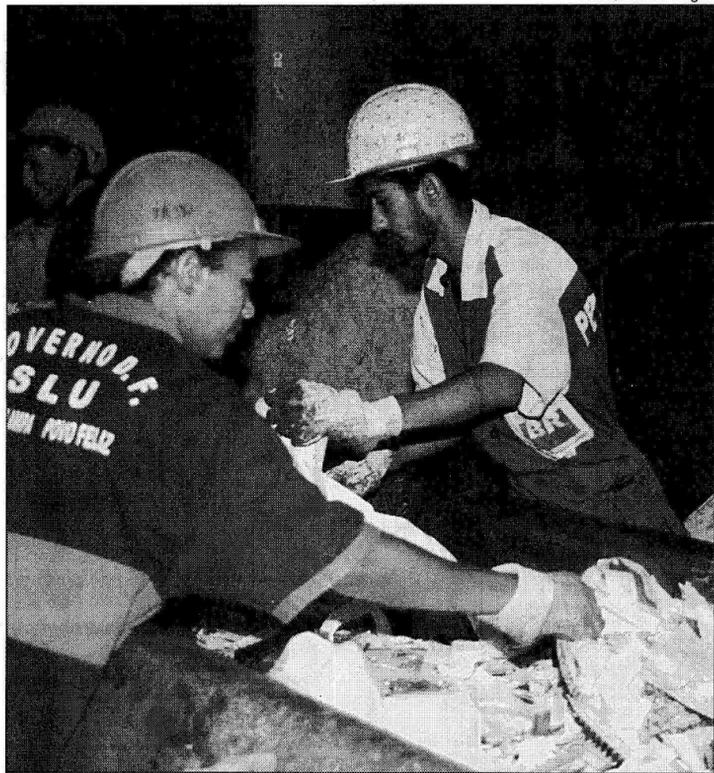
A falta de recursos, explica ele, impede que o SLU faça renovação de sua frota, com idade média de oito anos, e preste um serviço com mais qualidade à população. O SLU, garante Flores, continuará existindo e funcionará como órgão "supervisor e fiscalizador". Os sete mil funcionários da empresa, assim como os membros das cooperativas de reciclagem nas usinas, serão mantidos em seus cargos, segundo promessa do governo. "O SLU vai continuar realizando 30% do serviço", esclarece Flores.

MÁRCIA DELGADO
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Geraldo Magela



Gomes: dinheiro da reciclagem é rateado



O material que chega à usina de Ceilândia é separado manualmente

De plástico a comida

Do lixo tudo se recupera. Todo o material recolhido em residências - do plástico, passando pelo papel, restos de comida e latas - pode virar dinheiro. A reciclagem já é um ramo explorado pelo SLU, só que a falta de equipamentos mais modernos e de mão-de-obra especializada impede o aproveitamento total do lixo pela empresa. Em Ceilândia, Samambaia e Taguatinga, por exemplo, 40% do que é coletado vai literalmente para o lixo.

Na usina de reciclagem de Ceilândia, uma das três existentes no DF (as outras duas ficam no Lixão da Estrutural e na L2 Sul), chegam diariamente 600 toneladas de lixo recolhidas naquela região. Quase a metade não é reaproveitada. No Lixão da Estrutural, o reaproveitamento, segundo calcula José Gomes da Silva Pinto, chefe da usina de Ceilândia, é bem maior, porque lá, o trabalho é feito manualmente pelos catadores.

O Lixão recebe diariamente 800 toneladas/dia, quase a metade do total coletado em todo o DF - 1.800 toneladas/dia. Muita gente trabalha na reciclagem do lixo, uns por conta própria e outros reunidos em cooperativas. "Eles rateiam o dinheiro da venda", explica José Gomes, se referindo aos 60 funcionários da usina de Ceilândia, agrupados em cooperativa.

Mas recebem pouco. Cada um tira em torno de um salário mínimo e meio por mês. O lixo, no entanto, pode render

muito mais, se for melhor aproveitado, explica ele. O governo garante que a empresa vencedora da licitação não vai ter lucro sobre a reciclagem do lixo, um nicho de mercado que movimentava hoje no DF, estima-se, algo em torno de US\$ 20 milhões.

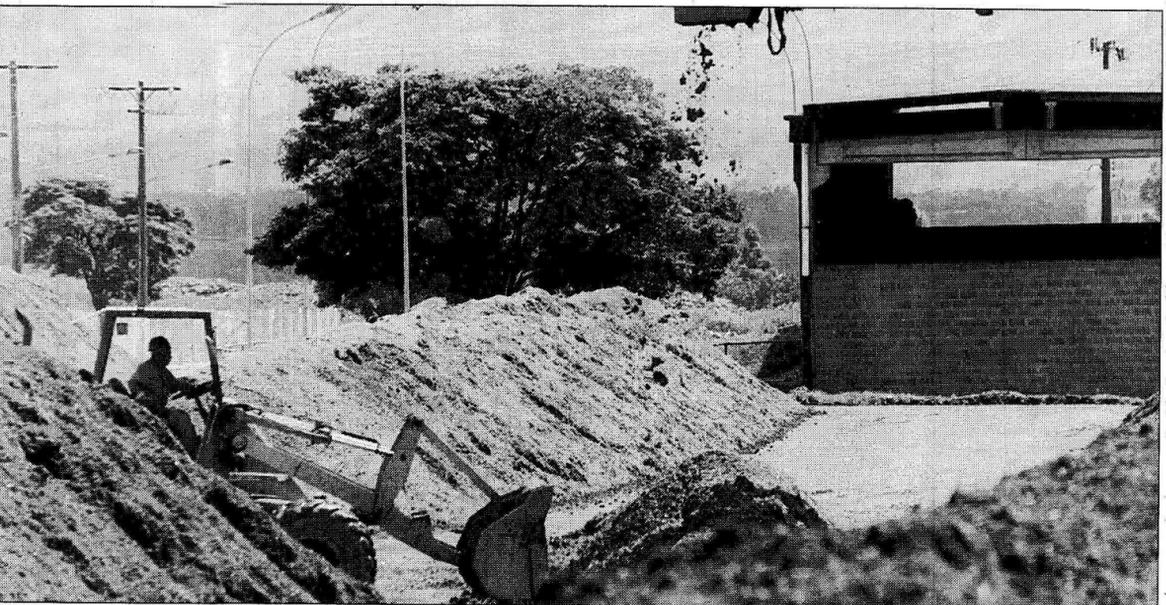
"A função da empresa nas usinas é apenas de modernização, manutenção e otimização do sistema", garante Luiz Flores, diretor do SLU. Mesmo tendo a garantia do governo de que vão continuar fazendo o trabalho de reciclagem, os integrantes da Associação dos Catadores de Resíduos Sólidos da Ceilândia (Apicorc) não escondem suas preocupações.

"A gente fica com medo de a empresa não ficar com a gente. Tem muito pai de família que conta só com esse dinheirinho aqui", diz Aldeci Meira dos Santos, presidente da Apicorc. A Associação tem 160 cooperados, mas apenas 60 aparecem para trabalhar freqüentemente. "Uns estão de licença médica, outros preferem catar lixo por conta própria, que dá mais dinheiro", explica Santos.

Embora o SLU garanta que todos eles recebem equipamentos de segurança, todos, sem exceção, separam o lixo na usina de Ceilândia sem máscara de proteção no rosto. Se submetem a um odor insuportável, especialmente em dias de calor, quando o material orgânico fica ainda mais fétido. (M.D.)



Lixo passa por várias etapas de reciclagem: primeiro, vai para a vala de recepção. Depois, para o estrator, a peneira e o moinho



Até restos de comida são reaproveitados para fazer adubo orgânico. O que não pode ser reciclado é enterrado no Lixão

Material vira dinheiro

O processo de reciclagem do lixo nas usinas é relativamente simples. Primeiro, o material recolhido vai para a vala de recepção, passa pelo estrator, uma máquina que rasga o plástico que envolve o lixo, pela peneira, que separa o orgânico do resto e, posteriormente, vai para o moinho, onde o material orgânico é triturado. O material reciclável é separado pelos próprios funcionários da usina.

Tanto o homem como a máquina perdem muito material, que é enterrado depois no aterro do Lixão. Os restos de comida viram adubo orgânico. O plástico, as latas, o papel, entre outros materiais inorgânicos, são separados, prensados e vendidos para empresas que vivem da reciclagem. A Novo Rio, por exemplo, compra papéis nas usinas e os transforma em dinheiro.

São produzidas 150 toneladas de adubo por dia na usina de Ceilândia. As empresas compram barato e ganham dinheiro no mercado por um valor bem superior. Como a região não é de moradores com alto poder aquisitivo (Samambaia, por exemplo, é uma das cidades mais carentes do DF), os restos de comida não somam maior peso no lixo recolhido diariamente. Diferentemente do Plano Piloto e adjacências, onde o desperdício de comida é maior. Quem entende do assunto diz que o lixo de Brasília é melhor em qualidade, por conta do alto poder aquisitivo da população da capital. Embalagens plásticas, de pets (refrigerantes) são materiais com alto valor de reciclagem e podem ser encontrados em grande quantidade nas sacolas de lixo. Por isso, despertam tanto interesse da iniciativa privada. (M.D.)

Acusada de integrar máfia está no páreo

Atualmente, parte dos serviços prestados pelo SLU está nas mãos da iniciativa privada. A Enterpa e a Caenge são empresas que já fazem a coleta e o transporte do lixo da cidade. A diferença é que, depois da licitação, quem vencer vai fazer todo o trabalho de limpeza, que já é terceirizado em muitas cidades brasileiras, como Curitiba e Goiânia, por exemplo.

A Enterpa, acusada de envolvimento na máfia do lixo em São Paulo, está no páreo aqui em Brasília. Vai participar da licitação. O contrato temporário - de seis meses - da empresa com o SLU, no valor de R\$ 5,5 milhões, termina em março próximo. O mercado do lixo, garante Pedro Gonzalez,

coordenador da Enterpa em Brasília, é vantajoso. "Um bom gerenciamento otimiza os resultados na reciclagem do lixo", acrescenta.

Ao contrário da Enterpa, que tem grande chance de ganhar a concorrência do SLU, a Caenge não vai poder entrar na concorrência. "O edital exige uma gama grande de serviços que não podemos realizar sozinhos", lamenta o engenheiro Marco Aurélio Branco Gonçalves, do Departamento Ambiental da empresa. O principal impedimento, diz ele, é o fato de não ser permitida a formação de consórcios.

A Caenge está preocupada em perder mercado para a empresa vencedora da licitação, depois que expirar o prazo

do contrato que firmou com o SLU, de cinco anos. Há dois anos e meio, a empresa presta serviços para o governo, fazendo o transporte do lixo recolhido em Sobradinho e Taguatinga. Segundo Marco Aurélio, a terceirização desses serviços está se tornando uma realidade em todo o País.

O empresariado local do setor da indústria insiste que o governo deve permitir a formação de consórcios para que possa haver a participação das empresas de Brasília. Walfredo de Assunção Ataíde, diretor-técnico do Instituto Euvlado Lodi (IEL), foi designado pela Federação das Indústrias do DF (Fibra) para acompanhar de perto esse processo de licitação.

Ele diz que os empresários têm pronto um projeto que prevê as diretrizes do trabalho de limpeza urbana no DF, que, entre outros pontos, prevê a formação de três consórcios. "Nós estamos negociando com o governo para que seja redefinida a composição do edital, a fim de garantir a qualidade ambiental, a satisfação do cliente e a modernização dos serviços", diz ele.

O empresariado que atua no ramo de limpeza e reciclagem, confirma Ataíde, está preocupado em perder mercado num futuro próximo. "Nossa preocupação maior é de manter o lucro em Brasília e os empregos das pessoas que atuam neste ramo", destaca. (M.D.)